



50 anos do Golpe Militar de 64

*"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"*

60 + 4. Outros anos da mesma crise. Histórias, imagens e outros diálogos¹

SILVA, Paulo Sérgio (Mestre em História)²
PUC/SP

Resumo:

60 + 4. Outros anos da mesma crise. Histórias, imagens e outros diálogos, esta investigação entrelaça a História a uma análise político-social-cultural do pré-golpe cívico-militar dos anos sessenta, recupera e apresenta antigos e novos sujeitos produtores dos múltiplos indícios enredados àquela trama.

A produção de diálogos, que coexistissem e interpenetrassem ao contexto internacional daqueles anos, apontava para o embate de cultura política gestor da incessante busca por hegemonia que caracterizava o período de bi-polarização entre capitalistas e comunistas.

A releitura de manchetes e imagens que compuseram algumas das primeiras páginas/capas dos diários Folha de S. Paulo e o Última Hora, pertencentes ao recorte 1960 à 1964; bem como a visita à consistente bibliografia sobre o tema, transformaram-se em estimulantes veredas para o convívio com as disputas partidárias; com sujeitos do cenário político e militar; com a instigante produção cultural; com a ingerência estrangeira; entre outras, reverberando como caixa de ressonância daquele lugar social.

O golpe cívico-militar de 1964 compõe memórias daquele e deste presente vivido.

Palavras-chave: GOLPE CÍVICO-MILITAR. CULTURA POLÍTICA. PRIMEIRAS PÁGINAS.

¹ GT: HISTORIOGRAFIA DA MÍDIA. Coordenadora: Profa. Dra. Aline Strelow (UFRGS)

² PAULO SERGIO SILVA, Mestre em História pela PUCSP com dissertação apresentada em outubro/2014. Apresentação de Seminário Temático no XXVII Simpósio Nacional de História (ANPUH 2013/RN). Professor de Ensino Médio e Pré-vestibulares no Estado de São Paulo. E-mail: profpaulao@terra.com.br.



60 + 4. Outros anos da mesma crise. Histórias, imagens e outros diálogos, percorrerá o recorte proposto *objetivando a convivência com os muitos sujeitos e indícios* ali presentes, que *indagados nos seus respectivos contra-fluxos* e interagindo com a *historicidade daquele presente vivido*, reproduziram muitas das *práticas e representações* para uma compreensível leitura daqueles anos de crise. O golpe cívico-militar de 64 pertencia a um cenário apenas nacional? Os acontecimentos construtores daquele embate de culturas políticas se limitavam aos interesses partidários? Até que ponto a produção cultural ali integrada refletia ou realinhava o cenário?

Outro dos principais objetivos dessa dissertação será a constante *problematização* presente no cotidiano informativo daqueles *Diários*, sobre qual papel a *iconografia – imagens* – se dispunha representar quando dividia o disputado espaço das *primeiras páginas* com *manchetes, textos, gráficos* e outros? Tratava-se apenas de mero destaque *visual ilustrativo* cuja eventual existência de legenda tornava-o redundante? Em destaque nas *primeiras páginas as imagens* estariam “*buscando traduzir a posição editorial em outra linguagem*”? Poderiam “*reforçar, complementar, extrapolar e, por vezes, entrar em tensão com a abordagem da parte textual*”³? Estas serão algumas das indagações a serem trabalhadas ao longo do desenvolvimento dessa dissertação.

A temporalidade que abrigará o movimento dessa dissertação – **60 + 4. Outros anos da mesma crise. Histórias, imagens e outros diálogos.** – construirá sua estrutura metodológica sustentando-se na composição do recorte histórico identificado nos *vestígios e nos múltiplos sujeitos* do início dos anos 60; nas relações político-administrativas; nas práticas econômico-financeiras; nas inter-relações sócio-culturais; e, na visualidade do fotojornalismo como *fonte imagética* reverberados nas inúmeras veredas e vestígios com suas possibilidades de diálogos.

Nos sessenta do vinte, aqui no Brasil, *imagens fotográficas* fizeram-se *sujeitos* quando se transformaram em *evidências* do marcante período da crise institucional ali instalada e, posteriormente constatada através do advento do golpe de Estado nos

³ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa in Projeto História 35 – História e Imprensa*. São Paulo: Editora da PUCSP, 2007 (p. 264).



primeiros meses de 1964.

O decênio vivido – *os sessenta do vinte* – observado a partir deste presente, oferece argumentações documentais – *textos e imagens* – e esclarecedoras evidências do processo de desconstrução da embrionária base institucional democrática gerada nos anos pós-1946 caracterizada por *eleições livres; pluripartidárias nos três níveis de poder; promulgada pela Constituição Republicana nos meses posteriores ao final da Segunda Guerra*. Sob fortíssimo embate por hegemonia amalgamado por um tempo histórico de apaixonado engajamento político – pró ou anti soviéticos e/ou norte-americanos -, aqueles anos de bipolarização corporificaram um *alinhamento público e privado*, ao mesmo tempo, tenso e grandioso, que, morbidamente, parecia apontar para a edificação de uma hecatombe mundial.

O cenário das operações vislumbrava uma eventual destruição generalizada que, por sua vez, era progressivamente construído e registrado pelas lentes fotográficas que acompanhavam o trabalho diário da *imprensa escrita*, convivendo naturalmente com um farto e empolgante noticiário: *construção do muro de Berlim (1957); Revolução Cubana (1959); crise dos mísseis na base Cubana (1961); Guerra do Vietnã (1965-1975)*; entre outros, efetivando memórias de um tempo que equivocadamente pretendia-se justificar a *destruição antes da elaboração*.

Desta forma, o *recorte temporal 60 + 4*, contemplado por essa dissertação visando determinar o trajeto histórico que antecedia o rompimento democrático ocorrido no golpe de março/abril de 1964 no Brasil. Tal conjuntura acena-se em direção dos *muitos sujeitos e múltiplos indícios* existentes entre o *final dos anos JK – inauguração de Brasília* – e a *outorga da legislação constitucional – Ato Institucional n. 1* – pelo denominado *Alto Comando da Revolução*.

A dicotomia “*desenvolvimentismo nacionalista com dependência externa*”, que atrelava-se aos resultados alcançados pelo *mineiro de Diamantina* no quinquênio presidencial de 1956 a 1961, especialmente representada nos esforços para viabilização do *Programa de Metas* – festejado com euforia na inauguração da *Nova Cap*. Contudo, também foi rigorosamente questionado diante dos *resultados financeiros – taxa inflacionária; emissão e desvalorização monetária; endividamento externo* –



transferidos para Jânio Quadros, que no seu brevíssimo mandato, jamais logrou superá-los.

A construção desse cenário econômico-financeiro – acelerado crescimento agregado a consistente dependência externa – incorporava-se a historicidade do período pré-64, também marcada por impetuoso embate de culturas políticas, por declaradas atividades golpistas; por constantes ameaças de intervenção militar; por atento acompanhamento e intervenção externa; por consistente produção cultural engajada; por intermitente noticiário tendente da imprensa; entre outros, constantemente interpenetrados à temporalidade referente a 1960 até 1964, na qual essa dissertação procurará fazer-se arraigar como produtora de alguns dos muitos diálogos ali existentes.

Fazendo uso de *primeiras páginas* ou *capas* de alguns dos principais *diários da imprensa nacional* como *fonte primária* para constituir o movimento do recorte proposto, como também será objeto dessa pesquisa a permanente observação de *manchete e imagem (fotojornalismo)* que quando atreladas ao tema extrapolavam o papel da *informação* para constituírem-se *representação cotidiana* daquele cenário das ações.

“Não adianta simplesmente apontar que a imprensa e as mídias ‘tem uma opinião’”, a dimensão da representatividade daquele segmento de comunicação completava-se quando também se identificava “*que em sua atuação delimitam espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões, constituem adesões e consensos*”. Eventualmente, é notória a atuação da imprensa não apenas *informando*, mas *formatando* condições favoráveis a parceiros ou a si própria “*como força social que atua na produção de hegemonia, a todo o tempo, articula uma compreensão da temporalidade, propõe diagnósticos do presente e afirma memórias de sujeitos, de eventos e de projetos, com as quais pretende articular as relações presente/passado e perspectivas de futuro*”⁴.

Os anos construtores do início da década de 60 permaneciam fiéis condutores/guardadores das transformações que se multiplicavam desde o pós-guerra e,

⁴ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa in Projeto História 35 – História e Imprensa*. São Paulo: Editora da PUCSP, 2007. (ps. 260 e 261).



especialmente dinamizadas, no decorrer dos 50. Um suceder de *crises políticas* e tentativas de *golpes políticos* caracterizaram o período: crise de 1954 (trágico final de mandato do governo Vargas); crise de 1955 (a UDN não aceitando a derrota eleitoral presidencial); crise de 1955/1956 (dificuldades políticas para a posse de JK); crise de 1961 (renúncia de Jânio Quadros e clima golpista superado pelo Movimento da Legalidade), entre outras consubstanciaram as atividades de destacados *periódicos* que para além da *informação* reproduziam em suas páginas *formatações idealizadas*, como soluções que viessem contemplá-las: “o documento não é inócuo, é resultado de uma montagem, de um esforço das sociedades históricas para impor ao futuro, voluntária ou involuntariamente, determinada imagem delas mesmas.”⁵

Entendemos também a dinâmica da imprensa como um diálogo tenso entre práticas que expressam as contradições da sociedade. A categoria abstrata ‘imprensa’ se desmistifica quando se faz emergir a figura dos seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social. A imprensa não é espelho da realidade, mas um espaço de representação do real ou, melhor, de momentos particulares de realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época.⁶

Ainda como *fonte primária* dessa dissertação, a múltipla, instigante e portentosa *bibliografia* sobre o período, constituída, entre outros, por aqueles que interpretaram o ato golpista como *gesto sensato* (CHIRIO, Maud. *A política nos quartéis: Revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira*, 2012) e/ou *gesto insensato* (BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O governo João Goulart – as lutas sociais no Brasil – 1961-1964*, 2010); também aqueles que mutuamente detectavam atitudes golpistas sendo, às vezes, eles próprios integrantes do golpe (MAGALHÃES, Mário. *Mariguella – o guerrilheiro que incendiou o mundo*, 2012; CORDEIRO, Janaína Martins. *Direitas em movimento*, 2009); daqueles que as interpretavam *biografando seus personagens* (BOJUNGA, Cláudio. *JK - O artista do impossível*, 2001; GOMES, Ângela de Castro; FERREIRA, Jorge. *Jango – As múltiplas faces*, 2007; FERREIRA, Jorge. *João Goulart uma biografia*, 2011).

⁵ LE GOFF, Jacques *apud* ROMERO, Mariza. *Inúteis e perigosos no diário da noite. São Paulo 1950-1960*. 1ª ed. São Paulo: EDUC, 2011, p. 28.

⁶ ROMERO, Mariza. *Inúteis e perigosos no diário da noite. São Paulo 1950-1960*. 1ª ed. São Paulo: EDUC, 2011, p. 28.



Assim como, trabalhos realizados através da *memória e cotidianidade* (BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade – lembranças de velhos*, 1994; MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura. História, cidade e trabalho*, 2002); através do *olhar estrangeiro* (DREIFUSS, René Armand. 1964 – *A conquista do Estado – Ação política, poder e golpe de classe*, 2008; CANTARINO, Geraldo. 1964 – *A revolução para inglês ver*, 1999); daqueles que dialogaram com indícios da *História Social-Cultural* (SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias. Intelectuais, arte e meios de comunicação*, 2005; SOARES, Mariza de Carvalho; FERREIRA, Jorge. *A História vai ao Cinema*, 2001); através da *imprensa* (PINHEIRO, Luiz Adolfo. *Jânio, Jango & Cia*, 1988; ROMERO, Mariza. *Inúteis e perigosos no diário da noite*, 2011; OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte de. *João Goulart na imprensa – de personalidade a personagem*, 2001; DIAS, Luiz Antonio. *O poder da imprensa e a imprensa do poder: a Folha de S. Paulo e o golpe de 1964*, 1993); através das *fontes imagéticas* (KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*, 2009; SANTAELLA, Lúcia. *Leitura de imagens*, 2012; NEIVA Jr, Eduardo. *A imagem*, 2006; BURKE, Peter. *Testemunha ocular – história e imagem*, 2004), serão algumas delas.

Especialmente sobre a utilização das *fontes imagéticas* registradas pelas *primeiras páginas* disponibilizadas por *acervos de hemerotecas* ou integrantes de *bibliografias* sobre o tema, estarão adensadas à dissertação não só como *objetos de recuperação visual do instigante ocorrido fotografado*, também e, principalmente, como *memória e representação* a servirem para a construção historiográfica aqui proposta.

Por vezes, diante de sua explícita importância, essas *imagens estáticas movimentam-se na condução das análises*:

As imagens visuais seriam um dos mais importantes veículos de divulgação de uma série de acontecimentos que, a um só tempo, sustentaria a bipolarização do mundo e começaria a colocá-la em questão. Lembremo-nos, por exemplo, de como as imagens fotográficas e televisivas contribuíram para veicular e defender tantos interesses político-ideológicos do bloco capitalista, quanto os do socialista. Previamente selecionadas, elas justificariam a onda golpista que marcou as décadas de 1960 e 1970 na América Latina [...].⁷

⁷ BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & Fotografia – coleção História & ... reflexões*. 3ª ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003, p. 78.



Envolver-se intensamente na tarefa de incluir a *interpretação de imagens* como seguro e necessário *novo fazer da historiografia*, seria incorporar a este estudo, conclusões que referendassem a temporalidade de *várias e diferentes imagens produzidas como verdadeiros prolongamentos contextuais* que nas suas *infinitas leituras* possibilitassem dialogar com incontáveis nuances à traduzir/detalhar sociedades e suas características. A atualidade dos *estudos imagéticos* sobre o cotidiano que nos cerca, assim como as irremediáveis e intermitentes *intervenções visuais* a que estamos envolvidos no dia a dia, pode sugerir:

Nos próximos anos, será interessante observar como os historiadores de uma geração exposta a computadores, bem como à televisão, praticamente desde o nascimento e que sempre viveu num mundo saturado de imagens vai enfocar a evidência visual em relação ao passado.⁸

“As imagens fotográficas têm o apelo da evidência, que é, por si mesma, capaz de nos persuadir”. Os historiadores culturais, particularmente, apropriar-se-iam deste novo registro de acontecimentos – instantâneo e revelador – que, entre outras especificidades, no ato da construção do produto final – *a fotografia* – apenas reproduzia a simples e única indução do próprio autor e, muitas vezes, democraticamente, livrava-se de influências indesejáveis: *“a imagem fotográfica produz uma representação pela qual se acredita que as linhas e formas fotográficas caracterizam-se por ter uma semelhança nativa com elas mesmas.”*⁹:

A imagem do real retida pela fotografia (quando preservada ou reproduzida) fornece o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes da cena. A imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte, além de ser o produto final que caracteriza a intromissão de um ser fotógrafo num instante dos tempos.¹⁰

O período de análise proposto por essa dissertação – *os sessenta do vinte*, retratará os anos imediatamente anteriores ao *golpe de estado de 1964* – registrando o funcionamento de importantes *Diários* nos principais centros urbanos do país. A esta constatação temporal referente a *imprensa escrita brasileira* acrescentar-se-á a da *produção de imagens para jornais (fotojornalismo)*, que transformar-se-á em fonte de

⁸ BURKE, Peter. *Testemunha ocular – história e imagem*. 1ª ed. Bauru: EDUSC, 2004, p. 16.

⁹ NEIVA Jr, Eduardo. *A imagem*. 2ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Editora Ática, 2006, ps. 66 e 67.

¹⁰ KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 3ª. ed revista e ampliada. Cotia: Ateliê Editorial, 2009, ps 36 e 37.



informação e interpretação juntamente com *textos, gráficos, ilustrações* e outros, a fim de interagir/dialogar com os *sujeitos e evidências* daquele momento histórico.

O caminho percorrido até aqui por pesquisadores na tentativa de efetivação dos *estudos de fontes visuais*, se emparelhado aos *estudos de documentos textuais*, têm sido de superação. Mesmo com “*objetivas*” à procura de *subjetividades* compondo *pautas* milimetricamente pré-concebidas pelas *redações*, as *fontes imagéticas* permanecem requerendo credibilidade para o trabalho de reconhecimento de evidências a serem interrogadas por pesquisadores a procura de *memórias visuais* que, por vezes, desmascaram o intrincado *jogo do poder*.

O cotidiano percorrido pelos anos entre 1960 e 1964, *impresso em manchete e fotojornalismo*, especialmente nos jornais *Folha de S. Paulo* e o *Última Hora*, acompanhados de outras imagens relevantes produzidas por diferentes autorias que compõe *acervos em hemerotecas*, foram individualmente trabalhadas, selecionadas e apresentadas nessa dissertação como *memória, identidade, representação* do enfrentamento de cultura política daquele lugar social. A releitura das imagens destacadas e distribuídas no corpo desse texto em construção traduziria e/ou incorporaria ao *mosaico de sinais* deixados naquele momento pré-64.

Diários com temporalidades e composições distintas – *Folha e UH* – representaram ao longo das décadas de 50 e 60, *importantes segmentos midiáticos* atrelados a *grupos sociais hegemônicos* em defesa de preceitos político-econômicos diferenciados que disputavam um crescente número de *leitores/seguidores* sedimentados pela urbanização industrial em progressão desde as primeiras décadas do século, que naquele cenário mostrava-se em grande performance de crescimento. Entre outras referências, o presidente JK reverberava: *50 anos em 5*.

A escolha da *Folha de S. Paulo* e do *Ultima Hora* – respectivamente, um jornal paulista e outro fluminense – permitiu a realização constante do *contraponto de culturas políticas* existente entre estes veículos utilizando-se das diferenças nas linhas editoriais e repercutindo os acontecimentos condutores que, de alguma forma, *informavam e/ou formatavam* condições para a interação dos vários sujeitos envolvidos na posterior eclosão do *golpe de março/abril de 64*.



Aqueles anos do início da década de 60, especialmente observados através da *problematização* de assuntos contemplados nas *primeiras páginas* – “*vitrine da publicação que, por meio de ‘chamadas’ de matérias, fotos, manchetes e slogans, indicam ênfase em determinados temas e questões*”¹¹ – fornecedoras de evidências que ao serem produzidas e distribuídas aos leitores, ativavam *valores, projetos, consensos, dissensos, compreensões, distorções, apoios, oposições e, uma considerável importância na formação de opinião do público leitor.*

Sobre a trajetória de fundação do *diário paulista* “*Em 19 de fevereiro de 1921, Olival Costa e Pedro Cunha fundam o jornal ‘Folha da Noite’. Em julho de 1925, é criada a ‘Folha da Manhã’, edição matutina da ‘Folha da Noite’. A ‘Folha da Tarde’ é fundada 24 anos depois. Em 1º de janeiro de 1960, os três títulos da empresa (‘Folha da Manhã’, ‘Folha da Tarde’ e ‘Folha da Noite’) se fundem e surge o jornal Folha de S. Paulo*”¹². A família Frias – comandante da marca *Grupo Folha* nos dias atuais – associada à Carlos Caldeira Filho – ex-sócio do Grupo – vem dirigindo o conglomerado desde 1962, que sustentado em um vigoroso sucesso *comercial e de marketing* – marca insistentemente ligada ao liberalismo democrático, apesar do declarado apoio ao golpe de 64 – pertence ao seletivo grupo da *imprensa escrita* que alcança difusão nacional por vezes consagrada.

Para aparentar imparcialidade a *Folha* valia-se de editoriais e matérias onde os ataques ficavam implícitos, feitos de forma sutil, sempre procurando um apoio constitucional ou moral. Esse jornal, em quase todos os períodos de sua história teve um aspecto bastante indefinido no que tange à sua posição política. Com exceção de sua inegável características de ‘defensora’ das classes médias, a *Folha*, sempre tentou esperar definições da situação política para depois assumir uma postura. ‘Jogando sempre dos dois lados no campo político, nos marcos do capitalismo, e na medida das suas possibilidades, diversificando a linha de produtos, mesmo com desacertos do ponto de vista da segmentação, o grupo (Folhas) consolidou seu império. Para qualquer tendência de mercado e da política que se esboçasse, ele tinha um produto pronto para ser ativado. Nos momentos de opacidade apostava nos dois lados. Quando a nitidez aumentava, investia no lado mais forte. Tinha montado um

¹¹ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa in Projeto História 35 – História e Imprensa*. São Paulo: Editora da PUCSP, 2007, p. 264.

¹² http://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml (acessado em 01/09/2012)



aparato para seguir os ventos e tirar proveito deles, qualquer que fosse a sua direção'.¹³

Desta forma, durante os anos pós-64 submergia na atuação do *Grupo Folha* as chamadas *memórias dissonantes* sobre o posicionamento da *linha editorial* daquele *diário* que, por vezes, mostrava-se sob aparente dualidade:

Enquanto o proprietário era aclamado como um dos principais responsáveis pelo retorno da democracia ao país na década de 1980 pela maioria das personalidades que lhe renderam homenagens, memórias dissonantes eram reveladas. Poucos dias após sua morte, Hamilton Octávio de Souza e Vasco Oscar Nunes, jornalistas da *Folha* entre 1983 e 1986 e de 1970 a 1979 respectivamente, publicaram no portal 'Comunique-se' – e posteriormente no site do 'Observatório da Imprensa' – suas versões sobre o empresário '*para não deixar que a história seja reescrita conforme os interesses dos poderosos*'.¹⁴

Uma outra vez, realçava-se a dicotomia entre o *criador (Grupo Folha)* e a *criatura (jornalistas do Grupo Folha)* diante da difícil convivência com o regime de exceção postado no poder pós-64 e a (in)suportável presença de censores no cotidiano de redações:

Nunes citou, entre outros exemplos, a censura praticada e os agentes do Departamento de Ordem Política e Social que trabalharam na sede da empresa. E assim definiu Frias: *Frias era, como se diz, um 'come quieto', um 'por dentro, pão bolorento, por fora bela viola'... Qualquer pessoa que o conhecesse o julgava uma ótima pessoa. Cortez, gentil, amigável, fala mansa, um diplomata, um 'gentleman'. Mas no recôndito do seu egoísmo era um ditador*.¹⁵

Com efeito, no início da década de 50, sufragado por confortável maioria, Getúlio Vargas logrou fazer-se novamente o principal mandatário do país. Desta vez, eleito em pleito constitucionalmente legalizado, com disputa pluripartidária e com voto direto e secreto, diferenciando aquele mandato das impropriedades jurídicas que ajudavam a mantê-lo no poder durante o chamado Estado Novo (1937-1945).

¹³ DIAS, Luiz Antonio. *O poder da imprensa e a imprensa do poder: a Folha de S. Paulo e o golpe de 1964*. Assis/São Paulo, 1993. Dissertação de mestrado, FCL/UNESP, ps. 10 e 11.

¹⁴ PIRES, Elaine Muniz. *Imprensa, ditadura e democracia: a construção da auto-imagem dos jornais do Grupo Folha (1978-2004)* in *Projeto História n. 35 - História e imprensa*. 1ª ed. São Paulo: Editora PUC/SP, 2007 – Portal Comunique-se, 14/05/2007.

¹⁵ PIRES, Elaine Muniz. *Imprensa, ditadura e democracia: a construção da auto-imagem dos jornais do Grupo Folha (1978-2004)* in *Projeto História n. 35 - História e imprensa*. 1ª ed. São Paulo: Editora PUC/SP, 2007 – Portal Comunique-se, 14/05/2007.



Entretanto, o retorno do “retrato do seu Gegê para o mesmo lugar”, reativava na imprensa oposicionista apoiadora dos candidatos udenistas – *Tribuna da Imprensa*, *O Globo*, *O Dia*, *OESP*, entre outras – a manutenção do implacável cerco midiático composto de denúncias, acusações, delações, revelações e outros, visando menos seus esclarecimentos e mais a instabilidade do mandato.

Nesta conjuntura de acometimentos políticos de ambos os lados, o político de São Borja constatava a viabilidade de contar com apoio de veículos de comunicação aliados às suas propostas políticas. A historiografia da imprensa escrita brasileira daquele período consignava o surgimento do *Diário Última Hora* como o preenchimento de tal lacuna.

Wainer, opositor de Vargas na revista *Diretrizes*, publicada durante o Estado Novo, tornou-se fiel seguidor de Getúlio a partir daí. O candidato ganhou a eleição sem contar com o apoio da grande imprensa; nesse episódio demonstrou que sua habilidade para seduzir o público era maior que a da própria imprensa. Consciente da necessidade de ter uma base de sustentação no meio jornalístico, o Presidente eleito procurou Samuel Wainer, com quem articulou a criação do jornal *Última Hora*, em 1951. A partir dessa época travou-se intensa peleja entre esse órgão getulista e os porta-vozes da UDN (União Democrática Nacional) – *O Estado de S. Paulo* e *Tribuna de Imprensa*, principalmente.¹⁶

Para além do engajamento político em direção ao getulismo, das propostas do PTB e do enfrentamento jornalístico contra os veículos udenistas, as duas décadas de existência do *Última Hora* demarcaram um dos destacados sucessos editoriais da imprensa escrita nacional. Desvinculado do modelo das grandes famílias – o jornalismo brasileiro, ainda nos dias atuais, mantém-se associado à propriedade, domínio e condução de um seletor clã familiar – as páginas deste diário fluminense, mais que a tradição, impactava pela inovação.

“Era comum também encontrar nas páginas do jornal grandes anúncios de promoções, shows de artistas famosos, brindes e concursos, uma outra maneira de tornar o leitor mais próximo e ativo”¹⁷. Verdadeira caixa de ressonância de alguns dos mais diversos anseios do leitor comum, o *Última Hora* replicava boa parte da

¹⁶ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e história do Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988, p. 51.

¹⁷ PEREIRA, Lauro Ávila; ROMERO, Mariza (coordenação geral). *Arquivo em imagens. Número 5. Série Última Hora. Artes*. 2ª ed revisada. São Paulo: Arquivo do Estado – Imprensa Oficial do Estado, 2003, p. 9



cotidianidade que cercava desde o *fiel comprador de jornal* até o *leitor em trânsito de manchetes* no varal das bancas.

A *inovadora visualidade* que compunha a *primeira página/capa* – entre outras novidades espalhadas pelo corpo do jornal – composta de efetiva contribuição do *fotojornalismo* com imagens destacando *política, esporte, entretenimento, cultura, curiosidade*, e outras que revolucionava a tradicional e sisuda diagramação dos “*jornalões*” e, assim, em acréscimo fomentava para os leitores a sensação de relacionamento com *igualdade de interesses* e, por vezes, *análogos nos seus fins*.

Quando foi lançado, em junho de 1951, o UH detonou uma revolução na imprensa nacional. Seu fundador, Samuel Wainer, implantou idéias inovadoras [...] diferente dos outros jornais de sua época, o UH introduziu uma linguagem nova, uma nova forma de relacionar com o público [...] essas mudanças dificultam o trabalho de definir um perfil do jornal de seu início até o fim. Ainda assim, é possível identificar no UH um fio condutor que atravessa as suas duas décadas: a linguagem [...] grande parte das matérias era escrita na primeira pessoa, sem a menor intenção de manter uma postura ou uma imagem imparcial e impessoal. Buscando uma maior aproximação com seus leitores, os cronistas e colunistas de UH conseguiam, através de sua escrita ‘pessoal’, fazer com que a leitura das notícias, por vezes, parecesse uma conversa entre amigos, com conselhos e dicas.¹⁸

No início dos anos 50, a partir da criação, as páginas do *Última Hora* candidatava-se diariamente a transformarem-se em *periódico de considerável apelo popular* não somente pelo *novo design e linguagem*, sobretudo pela *defesa política das propostas de Getúlio Vargas* que – demagógicas ou não – possuíam o admirável poder de *confundir-se com as aspirações da maioria*.

A dissensão entre *petebistas* e *udenistas* – respectivamente representantes do *trabalhismo liberal* e *burguesia conservadora* – interpenetrou-se àquela temporalidade atingindo os anos pré-64 como *representação dos encarniçados embates partidários*, especialmente aqueles que envolveram pleitos eleitorais presidenciais. Agindo como *caixa de ressonância* destas disputas, a *imprensa escrita* reproduzia nos editoriais o *confronto de opiniões que, ao mesmo tempo, ocupavam as ruas*. Assim, enquanto o *Última Hora* transformava-se em um *diário nacional* pelo número de leitores e,

¹⁸ PEREIRA, Lauro Ávila; ROMERO, Mariza (coordenação geral). *Arquivo em imagens. Número 5. Série Última Hora. Artes*. 2ª ed revisada. São Paulo: Arquivo do Estado – Imprensa Oficial do Estado, 2003, p. 9



paralelamente, com o *sucesso comercial* seus *opositores de pauta-política-finanças* articulavam-se por sua destruição.

Comercialmente, o UH incomodava toda a sua concorrência, formada pelas famílias tradicionais da imprensa nacional [...] a crise final iniciou-se em 1963, ano de lançamento do NP [Notícias Populares – grifos nossos] e de uma campanha dos grandes grupos da imprensa (OESP – O Estado de São Paulo, Folha, Globo, Jornal do Brasil) para terminar de vez com o rival. Na articulação dessa campanha, a família Mesquita (Grupo OESP), teve papel fundamental.¹⁹

O golpe de março/abril de 1964 que derrubou do poder o petebista João Goulart, entre tantos reflexos, também foi decisivo na sobrevivência para o jornal criado por Samuel Wainer:

Os grandes anunciantes retiraram gradualmente seus anúncios das páginas do UH, iniciando uma crise econômica. Em 1964, o golpe garante que, além dos inimigos da imprensa, o jornal tenha como rival também o governo do país. Diante da repressão, o jornal mostrou-se inteligente e sobretudo corajoso, com constantes críticas ao poder estabelecido, tanto diretas quanto metafóricas, caricaturas e frases fortes de pessoas conhecidas, exibidas em letras enormes na primeira página. Ainda assim, o UH não conseguiu fazer frente à quantidade e ao poder de seus inimigos. Lentamente, o jornal entrou em declínio [...].²⁰

Destarte, a pesquisa em construção que consubstanciará a dissertação **60 + 4. Outros anos da mesma crise. Histórias, imagens e outros diálogos**, se iniciará respeitando a *estrutura de estudos do recorte histórico* delimitado entre o *final dos anos JK – conseqüências da construção de Brasília – alcançando, como limite final, a primeira quinzena de abril de 1964, quando da implantação institucional das primeiras leis/atos do novo regime ditatorial*.

Organizada em capítulos essa pesquisa manter-se-á objetivando identificar e/ou resgatar alguns dos muitos *vestígios* – especialmente os referentes a *história sócio-político-cultural* – aflorados ou por aflorarem através dos estudos da *literatura disponível sobre o tema*, bem como através da *identificação e releitura de fontes imagéticas* retratadas naquele presente vivido.

¹⁹ PEREIRA, Lauro Ávila; ROMERO, Mariza (coordenação geral). *Arquivo em imagens. Número 5. Série Última Hora. Artes*. 2ª ed revisada. São Paulo: Arquivo do Estado – Imprensa Oficial do Estado, 2003, p. 10

²⁰ PEREIRA, Lauro Ávila; ROMERO, Mariza (coordenação geral). *Arquivo em imagens. Número 5. Série Última Hora. Artes*. 2ª ed revisada. São Paulo: Arquivo do Estado – Imprensa Oficial do Estado, 2003, p. 10



Do cultural ao político: sustos e sucessos de um país equilibrista, título que identificará o capítulo 1, responsável por interpenetrar-se no efervescente cenário sócio-cultural da transição entre as décadas de 50 e 60 quando múltiplas ações daquele setor garantiram *reconhecimento de público e de crítica* no país e no estrangeiro. A chamada “batida do violão bossanovista”; a “câmera na mão” do Cinema Novo; o teatro engajado de vanguarda; vitórias em disputas esportivas pelo mundo contribuíram para reforçar a euforia nacionalista do período.

O *janismo* como fenômeno político eleitoral causou – em reduzido espaço temporal – *euforia e frustração* entre seus milhões de eleitores. A herança dos *anos JK* – para o bem e/ou para o mal – inserida nos poucos meses de duração do mandato de Quadros, contribuiu para a implacável implosão daquele político, deixando combustível suficiente para acelerar as *intenções golpistas* que seguiam pairadas sobre o país.

Diante deste contexto instável e conturbado do cotidiano político, *setores da imprensa escrita conservadora* – especialmente representados por *diários tradicionais do sul/sudeste* – insistentemente *formatavam* denúncias contra o presidente Goulart e seu governo, acusando-os de coniventes e condutores de *ideais esquerdistas: perigo vermelho!*

Para compor o capítulo 2, **Do nacional ao transnacional: oficinas e arenas em operação**, essa pesquisa recuperará alguns dos *sujeitos produtores das atividades esportivo-culturais* do início dos anos 60, os quais se destacaram com novas conquistas em competições internacionais e em montagens artísticas que para além de suas importâncias reafirmavam o ufanismo presente na época, bem como ampliavam a *politização das representações teatrais que mais que entretenimento, também propunham engajamento*.

Naquele momento, o regime republicano do país contava com o funcionamento do *Sistema de Conselho de Ministros (Parlamentarismo)*, adotado como *solução de passagem* em 1961, diante da crise formada após a renúncia de Quadros e a resistência de militares e conservadores em aceitarem a constitucional posse do vice-presidente Goulart. Os *vestígios e sujeitos* presentes nas administrações que se sucederam de Primeiros Ministros foram decisivos para dimensionar a atuação de Goulart que logrou



reativar – dezessete meses depois – o *Sistema Presidencialista* com a vitória no *Plebiscito de 1963*.

A conjuntura internacional impregnada pela *bipolarização de culturas políticas* – *capitalismo versus comunismo* – inseriu ao *encalacrado panorama brasileiro* os interesses de *norte-americanos e soviéticos*. A *atuação de Washington* por aqui, principalmente através das atividades do *complexo IPES/IBAD* – que, na prática, *organizava, ativava e financiava as ações pró-Golpe*.

O capítulo 3 que encerrará a dissertação aqui proposta, titulado **Do virtual ao visceral: marcha em construção da quarta-feira de cinzas**, acompanhará a *trajetória presidencialista de Goulart – do Plebiscito ao Golpe* – percorrendo o *recorte temporal* entre 1963 até 1964.

O *conturbado cenário das ações* ganhava – com devidos apoiadores e opositores – um novo *fio condutor: as Reformas de Base*. Destramar aqueles meses de *permanente prontidão civil e/ou militar* ativará *diálogos* que absorvam as questões ligadas as *reformas agrária, eleitoral, educacional; a insubordinação nos quartéis; a formatação informativa da imprensa; o permanente olhar estrangeiro; entre outras*.

Em torno das *reformas* a *cotidianidade sócio-econômico-político-cultural* contabilizava as *múltiplas e divergentes articulações* que do *interior dos gabinetes* logo ganharam *praças e avenidas em marchas e contramarchas* a justificarem o *visceral comportamento das partes*.

Referências Bibliográficas

ALVES, Júlia Falivene. *A invasão cultural norte-americana*. 2ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 1989.

ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil – 1964-1984*. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1985

AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; QUADRAT, Samantha Viz; (orgs). *Cultura política, memória e historiografia*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O governo João Goulart – as lutas sociais no Brasil – 1961-1964*. 8ª ed revista e ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política – vol 1*. 7ª ed. Brasília: UNB, 1983

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de*



- Política* – vol 2. 7ª ed. Brasília: UNB, 1983.
- BOJUNGA, Cláudio. *JK - O artista do impossível*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular – história e imagem*. 1ª ed. Bauru: EDUSC, 2004.
- CANTARINO, Geraldo. *1964 – A revolução para inglês ver*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e história do Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino, imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.
- CHIRIO, Maud. *A política nos quartéis: Revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012
- CORDEIRO, Janaína Martins. *Direitas em movimento*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa in Projeto História 35 – História e Imprensa*. São Paulo: Editora da PUCSP, 2007.
- DIAS, Luiz Antonio. *O poder da imprensa e a imprensa do poder: a Folha de S. Paulo e o golpe de 1964*. Assis/São Paulo, 1993. Dissertação de mestrado, FCL/UNESP.
- DREIFUSS, René Armand. *1964 – A conquista do Estado – Ação política, poder e golpe de classe*. 7ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- FERREIRA, Jorge. *João Goulart uma biografia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- GREEN, James N. *Apesar de vocês – oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009
- HOBBSAWM, Eric. *Tempos interessantes – uma vida no século XX*. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 3ª. ed revista e ampliada. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.
- OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte de. *João Goulart na imprensa – de personalidade a personagem*. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Annablume Editora, 2001.
- PARANHOS, Kátia Rodrigues; LEHMKUHL, Luciene; PARANHOS, Adalberto (orgs.) *História e imagens: textos visuais e práticas de leitura*. 1ª ed. Campinas: Mercado de Letras Edições, 2010.
- PILAGALLO, Oscar. *História da imprensa Paulista – Jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma*. 1ª ed. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2011.
- PIRES, Elaine Muniz. *Imprensa, ditadura e democracia: a construção da auto-imagem dos jornais do Grupo Folha (1978-2004) in Projeto História n. 35 - História e imprensa*. 1ª ed. São Paulo: Editora PUC/SP, 2007.
- SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias. Intelectuais, arte e meios de comunicação*. 1ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: EDUSP, 2005.
- SAUNDER, Francis Stornor. *A guerra fria cultural. A CIA e o mundo das letras e das artes*, The New York Press, 1999.
- TAVARES, Flávio. *1961 – o golpe derrotado – luzes e sombras do Movimento da Legalidade*. 1ª ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.